

MUNDOS ANTÁRTICOS E EXPERIÊNCIAS AUSTRAIS

ANTARCTIC WORLDS AND SOUTHERN EXPERIENCES

Sarah de Barros Viana Hissa¹

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia, Brasil

A Antártica é distinta de todas as outras regiões do globo. Isso se dá, inicialmente, pelas grandes distâncias que se deve atravessar para atingi-la e pela sua geografia única. Esses fatores influenciaram também a história do seu descobrimento e exploração, que foi tardia em relação aos demais continentes. Apenas no século XIX, a Antártica foi de fato incorporada na nossa compreensão de mundo. Nesse processo de mundialização do continente austral, ele ocupou um lugar de mistério e poesia, de natureza pura, lenta e silenciosa. Mas houve, e ainda há, incursões ao continente austral. Os caçadores de pinípedes, tais como focas e elefantes marinhos, desde ao menos 1820, atuavam na região até impactarem demasiadamente as populações das presas, tornando as viagens de caça desvantajosas. Posteriormente, exploradores empreenderam conhecer e mapear a região, tais como Sir Ernest Henry Shackleton. Hoje, por meio do Tratado Antártico, assinado em 1959 por diversos países, não obstante pretensões territoriais específicas, o continente é destinado à pesquisa científica em cooperação internacional.

O Programa Antártico Brasileiro da Marinha Brasileira (PROANTAR), que fez 40 anos no ano de 2022, oferece apoio logístico a projetos de pesquisa no continente austral. Entre as pesquisas que receberam o apoio do PROANTAR está o Projeto Paisagens em Branco (Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas – LEACH), coordenado pelo prof. Andrés Zarankin (UFMG), que estuda, entre outros temas, os sítios arqueológicos de ocupações oitocentistas de caçadores-marinheiros no arquipélago Shetlands do Sul (Zarankin; Senatore, 2007; Zarankin *et al.*, 2011).

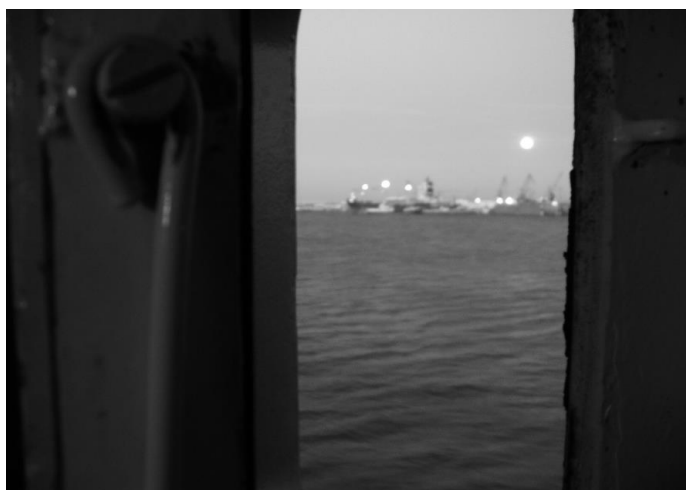
Particpei das expedições de campo junto ao LEACH na ilha Livingston, nos verões dos anos 2010 e 2011, durante minha pesquisa de mestrado, intitulada *Tempo e arqueologia: experiências materiais e imateriais de Antártica* (Hissa, 2012). Naquele trabalho, a partir de uma etnografia a jato com marinheiros polares brasileiros, como também de estudos de documentação histórica primária (diários de bordo) e de discussões sobre materiais arqueológicos, refleti sobre o tempo como categoria sociocultural construída a partir, entre outros fatores, de atividades exercidas nos espaços antárticos, ou, em outras palavras, o que se faz e quando se faz (Hissa, 2017; 2022). Nesse sentido, considerando a importância das



atividades desempenhadas para concepções de temporalidade, ficou claro que a dicotomia entre trabalho e lazer desempenha importante papel nas percepções do ritmo e passagem de tempo para os marinheiros brasileiros. Ainda, o tipo de atividades desempenhadas por eles – bem como o compasso de seus trabalhos e descansos – varia de acordo com a função no navio: se o marinheiro faz parte do grupo de reparo, seus horários e ritmos serão distintos daqueles do grupo da cozinha e copeiros. Por outro lado, a cadência, o horário e a duração das atividades (*fainas*, nos termos deles próprios) também variam se o navio está atracado em portos ou navegando em águas tranquilas, por exemplo. Enquanto isso, em mais ampla escala, a própria sazonalidade da presença humana na Antártica também marca essas percepções, tanto no passado quanto nas viagens atuais, visto que ela se dá principalmente nos verões, bem como implica na ida com retorno programado e nunca a permanência indefinida. É assim que a distância da família e a expectativa do retorno ao lugar de origem marcam as falas dos marinheiros brasileiros, como também os relatos nos diários de bordo oitocentistas.

Esse ensaio fotográfico oferece uma narrativa do traslado feito, no âmbito daquela pesquisa, entre águas brasileiras e a ilha Livingston, no arquipélago Shetlands do Sul, Antártica. Entre a primeira e a última *janela-foto* do ensaio, ilustram-se os espaços antárticos: navio, porto, mar, relevo, gelo, helicóptero, bote, praia, sítio arqueológico, acampamento, névoa, barraca. Ao mesmo tempo, o ensaio ilustra algo do esforço dos marinheiros brasileiros nos trabalhos de logística, intensos quando se chega ao *continente-destino*. Por fim, revela a relação intimista entre a pessoa que fotografa e as paisagens antárticas, que sugerem a própria reflexão introspectiva sobre essa experiência austral.

Figura 1 – Primeira *janela-foto*: da cabine.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 2 – No porto chileno.



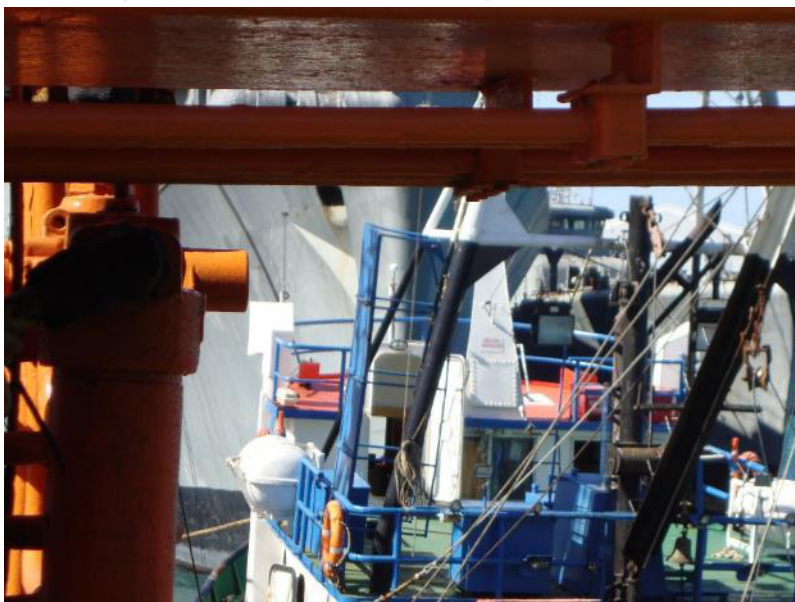
Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 3 – Reflexões no porto.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 4 – Linhas e cores da complexidade do navio.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 5 – Marinheiros e a orquestra das atividades.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 6 – Carga.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 7 – Linhas e cores nas coisas da Antártica.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 8 – Desembarques.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 9 – Descida.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 10 – *As fainas.*



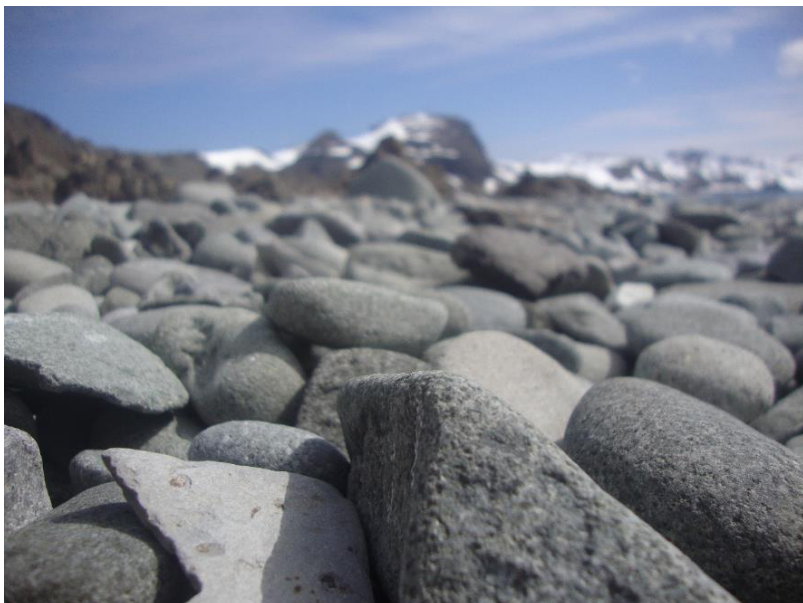
Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 11 – Botes e ilhas.



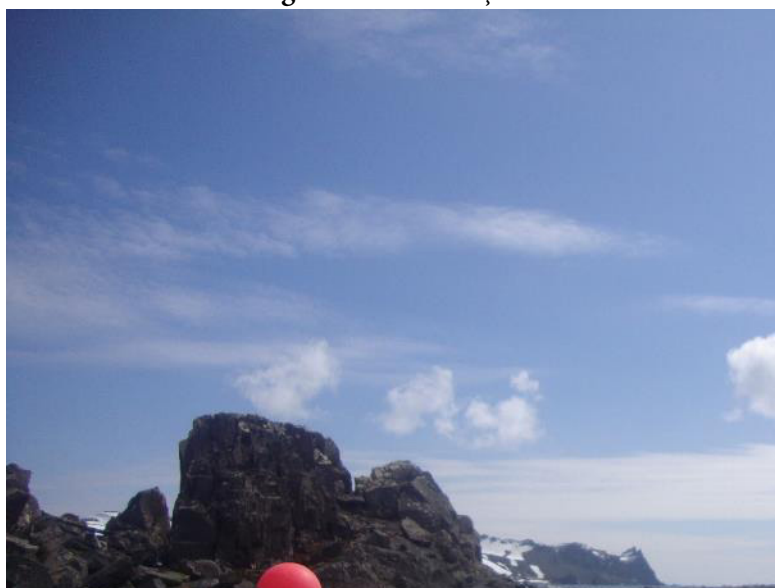
Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 12 – Praia.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 13 – Presenças.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 14 – Acampamento antártico, ilha Livingston.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 15 – Nevasca.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

Figura 16 – Última janela-foto: da barraca.



Fonte: Sarah Hissa, 2010.

REFERÊNCIAS

HISSA, Sarah de Barros Viana. **Tempo e Arqueologia**: experiências materiais e imateriais de Antártica. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

HISSA, Sarah de Barros Viana. Navegar é preciso, viver também é preciso: ideias iniciais sobre a organização e a percepção de tempo de marinheiros brasileiros em navio polar. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 60, n. 3, p. 284-307, 2017.

HISSA, Sarah de Barros Viana. On Time and Other Things: Some Cartesian Dichotomies in Antarctica. **Cambridge Archaeological Journal**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 173-187, mai. 2022.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment**. Londres: Routledge, 2000.

MAGNANI, José Guilherme C. **O lazer na cidade**. São Paulo: CONDEPHAT, 1994.

ZARANKIN, Andrés; HISSA, Sarah; SALERNO, Melisa, FRONER, Yacy-Ara; RADICCHI, Gerusa, ASSIS, Luis; BATISTA, Anderson. Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropología Antárticas. **Vestígios: Revista Latinoamericana de Arqueología Histórica**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 11-51, 2011.

ZARANKIN, Andrés; SENATORE, Maria Ximena, **Historias de un Pasado en Blanco**: Arqueología Histórica Antártica. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

Submetido em: 15/06/2023

Aprovado em: 06/10/2023

Sarah de Barros Viana Hissa

sarah.hissa@gmail.com

Pós-doutora em Antropologia (UFMG), Doutora em Arqueologia (UFRJ/
Museu Nacional), Mestra em Antropologia e Bacharela em Ciências
Sociais (UFMG)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1623-8737>